

## MINICURSOS

Autor/ Título	Resumo
1. Título: Semiótica do rosto na comunicação digital Massimo Leone (Itália)	Indiscutivelmente, o significado do rosto humano atualmente está mudando em escala global: através da invenção e difusão de novas tecnologias visuais (por exemplo, fotografia digital, filtros visuais, e software para reconhecimento automático de faces); através da criação e estabelecimento de novos gêneros de representação facial (por exemplo, o selfie); e por meio de novas abordagens para enfrentar a percepção, a leitura e a memorização (por exemplo, a "rolagem" de rostos digitais). Cognições, emoções e ações que as pessoas atribuem à interação com o rosto de outras pessoas em breve poderão mudar dramaticamente. Este cambio condiciona também as plataformas para a conversação digital, global e multilíngue. No minicurso, uma abordagem interdisciplinar, mas focada vai combinar história visual, semiótica, fenomenologia, antropologia visual, mas também estudos de percepção e análise e contextualização social de big data, para estudar as causas culturais e tecnológicas dessas mudanças e seus efeitos em termos de alterações na autopercepção e interação comunicativa.
2. Título: A tarefa de revisão textual e a articulação do conhecimento linguístico Maria Teresa Tedesco (UERJ/SELEPROT)	Em termos de formação profissional, acredita-se que o maior desafio da era moderna continua a ser o desenvolvimento da capacidade de leitura/ interpretação de textos e de escrita dos cidadãos. Em se tratando de formação de profissionais da área de Letras, o desafio está, também, em provar a validade do conhecimento de gramática como um recurso adjunto para o desenvolvimento das atividades de escrita. Numa sociedade multissemiótica como a nossa, o profissional de Letras encontra um nicho de atuação cada vez mais saliente: a revisão textual. Por isso, propomo-nos, no VII COLSEMI, oferecer este minicurso de revisão textual com os seguintes objetivos: (i) reafirmar o texto, sua produção e sua preparação como parte fundamental de nossa experiência profissional; (ii) relacionar conceitos básicos da gramática normativa e das teorias linguísticas com as finalidades do trabalho de revisão textual. Para tanto, tomamos como referência GARCIA, Othon Moacyr (2001) [1967]; KURY, Adriano da Gama (1980); PINTO, Ildete Oliveira (1993); COELHO NETO, Aristides (2008) para discutir sobre as etapas do processo editorial, sobre a função do revisor na tarefa de revisão de textos, sobre a presença ou não dos sinais de revisão, sobre as dificuldades recorrentes do produtor do texto e o processo de revisão textual <i>per se</i> . Pretende-se que o protagonismo do minicurso sejam os exemplos práticos de trabalho com o texto a fim de propiciar discussões específicas sobre os aspectos gramaticais, fundamentais na construção textual e ferramentas de trabalho do revisor. Nesse sentido, vislumbra-se uma estreita relação entre os estudos de revisão textual e a temática do evento, já que o interesse por nossa língua tem sido cada vez maior ao redor do mundo. Trata-se de um minicurso que descreve os usos da

	<p>língua de uma perspectiva de como ensinar, efetivamente, a escrita da língua portuguesa, tomando como base o texto como produto.</p>
<p>3. Título: Música, semiótica e estética Marcelo Caetano (UERJ)</p>	<p>A Semiótica, ou teoria geral dos signos, como desenvolvida na polimatia e no arquiteito de C. S. Peirce, pode aplicar-se aos processos de significação da música. A música se estrutura em signos não verbais, munida de um conjunto de relações intrínsecas (primeiridade), referenciais (secundidade) e de interpretação (terceiridade). "Consciência em primeiridade é qualidade de sentimento [...] Sentimento é, pois, um quase-signo do mundo: nossa primeira forma rudimentar, vaga, imprecisa e indeterminada de predicação das coisas" (Santaella, 2007). "A factualidade do existir (secundidade) está nessa corporificação material" (id. Ib.). A terceiridade, por sua vez, é a interpretação do mundo, e está coligada à nossa percepção intelectual e emotiva. O Maestro e compositor francês Pierre Boulez descreve a música como "ao mesmo tempo uma arte, uma ciência e um ofício" (Boulez, 1986). Assim, unindo as duas autoridades, este minicurso pretende investigar a primeiridade da música ("arte") pautada em sua estética intrínseca, num grau quase absoluto de abstração. A sua secundidade ("ciência") é provada pelo fato de que a música só existe quando executada concretamente. Comprova-se sua terceiridade ("ofício"), por fim, pela necessidade de recepção de sua abstração da partitura, mediada pela execução e, enfim, interpretada por uma comunidade ampla de musicólogos, profissionais ou não.</p>
<p>4. Título: Linguística de <i>Corpus</i> para Tradutores Simone Vieira Resende (PUC-SP)</p>	<p>Há uma demanda latente por tradução no mundo globalizado e interdisciplinar atual. Para que o tradutor consiga preencher essa demanda com agilidade, presteza e qualidade é preciso adquirir letramento tradutório que o capacite a usar a tecnologia ao seu favor. A tecnologia tem um papel fundamental na prática tradutória, uma vez que pode potencializar o processo e agregar qualidade ao produto final. Esse minicurso mostra que a prática tradutória profissional requer mais do que teorias abstratas e metodologias rígidas e apresenta soluções de pesquisa baseadas nas ferramentas da Linguística de <i>Corpus</i> por meio de textos autênticos que estimulam o tradutor a agir por indução, resolvendo problemas tradutórios a partir de exemplos, estudos de caso, atividades e exercícios que podem ajudar a adquirir e consolidar letramento tradutório e autonomia. Muitos corpora paralelos de tradução e corpora monolíngues da língua portuguesa, assim como ferramentas de análise linguísticas podem ser considerados como portas abertas para uma constelação de informações que corroboram o fazer tradutório. Porém, aprender de forma prática a usar essa tecnologia ainda é um desafio para grande parte dos tradutores e aprendizes de tradução. O objetivo do minicurso é apresentar algumas das ferramentas e tecnologias que podem facilitar a prática tradutória, principalmente as ferramentas usadas pela Linguística de <i>Corpus</i>. Muitas são as vezes que o tradutor se vê diante de situações em que o dicionário não ajuda</p>

	<p>muito e a investigação por equivalentes e validações terminológicas depende de uma busca cansativa e infundável que pode comprometer a qualidade final do produto. As ferramentas da Linguística de <i>Corpus</i> podem ser aplicadas tanto nas pesquisas sobre tradução como no cotidiano tradutório e ajudar a sanar esta demanda. As atividades e ferramentas apresentadas no minicurso servem para diferentes pares de idiomas e o foco principal é na variação da língua portuguesa.</p>
<p>5. Os elementos messiânicos do Superman e a intertextualidade com o apocalipse na <i>graphic novel</i> Reino do Amanhã: uma análise a partir das multissemoses</p> <p>Nataniel dos Santos Gomes (UEMS-UERJ/SELEPROT)</p> <p>Vanderlis Legramante Barbosa (UEMS)</p>	<p>“Aqueles que, uma década antes, sentiram o peso da maior e mais fundamental falha do Superman, sua incapacidade de se ver como a inspiração que é.” (Reino do Amanhã) É a partir dessa citação que gira a história de <i>Reino do Amanhã</i>, uma <i>graphic novel</i> que resgata os heróis clássicos da DC Comics, no momento em que o mercado editorial buscava histórias cheias de violência e com personagens visualmente grandiosos, mas com histórias pueris. A história narra a ocasião em que, após o Superman ter decidido abandonar sua vocação como herói e salvador da humanidade, a sociedade entra em crise, esperando pela sua volta. A narrativa faz uma intertextualidade com o livro de Apocalipse, escrito por São João, em que a figura do Superman é apresentada como o messias da fé cristã, pano de fundo da criação do super-herói e é explorado ao extremo nessa história. Esses e outros elementos são resgatados e amplamente utilizados na história em questão, e serão analisados sob a perspectiva das multissemoses para os que sentidos fossem interpretados, comparados, ressignificados, conforme Barbosa (2018), fazendo a intertextualidade com o cristão do Apocalipse.</p>
<p>6. <b>Da escrita criativa à escrita com função social na sala de aula de PLE</b></p> <p>Paolo Torresan, UFF</p> <p>Patricia Almeida, UFRJ</p>	<p>A preocupação com elaboração do texto escrito em língua estrangeira se faz presente para professores e alunos, uma vez que, normalmente, esse tópico integra programas de cursos e planejamentos didáticos. No caso específico do aprendiz de Português como Língua Estrangeira ou Adicional, a habilidade de produzir textos escritos é, por exemplo, exigida daqueles que necessitam fazer o exame de proficiência (Celpe-Bras), é condição necessária para inserção e permanência no contexto acadêmico e também é fundamental, em muitos casos, para aqueles que necessitam ingressar no mercado de trabalho. Diante desse panorama, pretendemos, nesse minicurso, apresentar e discutir propostas para desenvolvimento da competência escrita nas seguintes perspectivas: escrita criativa e escrita com função social. No que diz respeito à escrita criativa, apresentaremos ideias e estratégias, por meio das quais a fantasia do escritor será solicitada. Atividades relacionadas a esse tipo de escrita não estão associadas a objetivos práticos ou de estudo. Elas têm, pelo contrário, um caráter recreativo, lúdico, expressivo. Dentro da vasta esfera da escrita criativa, consideramos diferentes modalidades de</p>

	<p>acompanhamento da redação (<i>scaffolding</i>): a escrita guiada (a redação é realizada com base em um traço ou esboço que orientam o escritor); a escrita facilitada (o aluno recebe o vocabulário de apoio); a escrita interativa (caracterizada por uma troca entre os alunos); e, finalmente, a escrita coordenada (os alunos são divididos em grupos e envolvidos em uma tarefa comum). Quanto à perspectiva da escrita com função social, partiremos da análise de propostas disponíveis em diferentes suportes para discutir aspectos relativos à natureza social da linguagem, ao caráter dialógico e interacional da língua-alvo e à relevância de um ensino baseado em gêneros textuais. Ao longo do minicurso serão propostos momentos de interação com o público participante.</p>
<p>7. Título: Toponímia crítica, uma lufada de ar fresco para os estudos de toponímia urbana no Brasil Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patricia Carvalhinhos (USP)</p>	<p>A Toponímia Crítica é, efetivamente, uma lufada de ar fresco necessária aos estudos de toponímia urbana no Brasil, país em que os estudos onomásticos são ainda incipientes e caminham com um bom atraso com relação a outros países. Interdisciplinar por excelência, as ciências onomásticas caracterizam-se pelas relações com outras áreas do saber. Nascido na Geografia Humana, o aparato teórico da Toponímia Crítica vem-se consolidando nas últimas décadas em países de vários continentes, sobretudo os países do Centro-Leste Europeu, os Estados Unidos, Israel, entre outros. A cidade-texto, celebrada nesses estudos sob a perspectiva da Semiótica, é palco de uma análise diferenciada de seus nomes, pois, ainda que não se prescindia do elemento linguístico, privilegia-se os mecanismos socio-político-econômicos que regem as alterações nomenclaturais nos espaços urbanos, sobretudo em urbanônimos (a paisagem cultural sob interveniência do homem). Este minicurso apresentará uma visão teórico-metodológica inovadora (que já vem sendo aplicada em projetos na Universidade de São Paulo), diferenciada do que se adota nos atuais estudos toponímicos nas cidades, pois que as taxonomias toponímicas são inadequadas para esse tipo de análise -- ainda que sejam muito oportunas para o estudo de entidades geográficas naturais presentes nos meios urbanos. Esta proposta justifica-se, pois, pela urgência em adequar os estudos de toponímia urbana brasileira a uma ótica mais real e interdisciplinar, evidenciando como a Geografia Humana, a Semiótica e mesmo a Economia e o Marketing contribuem para um entendimento mais preciso dos mecanismos nomenclaturais em logradouros públicos e privados.</p>
<p>8. A COMPLEXIDADE NA LINGUAGEM: CORRELATOS ICÔNICOS NO DESENVOLVIMENTO E NA EVOLUÇÃO LINGUÍSTICA. Maria Célia Lima-Hernandes (USP)</p>	<p>Introdução dos estudos sociocognitivistas que aliam o desenvolvimento ontogênico e a evolução filogenética por meios de princípios linguísticos apreendidos em sua gradação e complexidade. Um deles, sobre o qual faremos estudos de caso, é o princípio de iconicidade.</p>

